

LUTERO E OS JUDEUS: UMA ANÁLISE DA CULPA COLETIVA E DA “DISSOCIAÇÃO QUALIFICADA” NA IGREJA LUTERANA

LUTHER AND THE JEWS: AN ANALYSIS OF COLLECTIVE GUILT AND “QUALIFIED DISSOCIATION” IN THE LUTHERAN CHURCH

Francis Dietrich Hoffmann¹

Resumo: Este artigo analisa a posição da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) frente aos controversos escritos de Martinho Lutero sobre os judeus, partindo de uma demanda da sociedade civil por um pedido de desculpas. Utilizando o referencial teórico da “culpa coletiva” para contextualizar a busca contemporânea por reparações históricas, o estudo propõe o conceito de “dissociação qualificada” para definir a resposta institucional. A análise dos textos de Lutero, tanto os de amizade quanto os de hostilidade, diferencia seu “antijudaísmo” de fundo religioso do antisemitismo racial moderno. O artigo argumenta que a “dissociação qualificada” permite à IELB e a outras igrejas luteranas repudarem oficialmente a violência dos escritos tardios, reafirmando que a identidade da Igreja se fundamenta em Cristo e na palavra de Deus, e não na figura falível do reformador.

Palavras-chave: Luteranismo. Judeus. Antisemitismo. Culpa coletiva.

¹ Bacharelado em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), 2008. Especialização em Habilitação ao Ministério Pastoral pelo Seminário Concórdia de São Leopoldo, RS (2010). Mestrado Livre em Teologia Bíblica pelo Seminário (2016). Pós-graduação em Estudos do Novo Testamento, Unicesumar, Maringá, PR (2022). Doutorando em História da Exegese no Concordia Seminary, St. Louis, USA.

Abstract: This article analyzes the position of the Evangelical Lutheran Church of Brazil (IELB) regarding Martin Luther's controversial writings on the Jews, stemming from a demand from civil society for an apology. Using the theoretical framework of "collective guilt" to contextualize the contemporary search for historical reparations, the study proposes the concept of "qualified dissociation" to define the institutional response. The analysis of Luther's texts, both friendly and hostile, differentiates his religiously based "anti-Judaism" from modern racial antisemitism. The article argues that "qualified dissociation" allows the IELB and other Lutheran churches to officially repudiate the violence of Luther's later writings, reaffirming that the Church's identity is founded on Christ and the Word of God, not on the fallible figure of the reformer.

Keywords: Lutheranism. Jews. Antisemitism. Collective guilt.

INTRODUÇÃO: A DEMANDA POR UM POSICIONAMENTO

Neste ano de 2025, o Seminário Concórdia de São Leopoldo (SC/SL) e o Curso de Teologia da Faculdade Luterana Concórdia (CT/FLC) precisaram se posicionar acerca de um tema considerado frequentemente embaraçoso, a saber, a posição do Dr. Martinho Lutero acerca dos judeus. A necessidade de um posicionamento surgiu de uma demanda vinda da sociedade civil. Um cidadão do estado do Goiás, do município de Barro Alto, sendo um dos responsáveis por algumas ações concretas em seu município em busca de reconciliação com o povo judaico, pediu à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e então ao SC/SL esclarecimentos quanto à posição de Lutero e da Igreja Luterana quanto ao assunto.² O presente artigo é uma elaboração a partir da resposta oferecida pela congregação de professores do SC/SL à solicitação mencionada.

Além de perguntas que levantam questões históricas e interpretativas, como perguntas acerca do contexto histórico do reformador, uma das perguntas fundamentais diz respeito à relação da Igreja Luterana com a sociedade,

2 Essas ações culminaram na solicitação de um Memorial Judaico a ser instalado no município de Barro Alto/GO por meio do decreto 202/2025. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/865270010/Memorial-Judaico-Barro-Alto-Go>. Acesso em: 8 set.2025.

a saber, se a IELB estava disposta a fazer um pedido de desculpas oficial dirigido à comunidade judaica daquele município e, por extensão, à comunidade judaica internacional. Esta é, de fato, a questão principal levantada pelo autor das perguntas, pois a resposta a ela parece viabilizar a reconciliação ou não com a comunidade ofendida, no caso, a comunidade judaica.

Desta forma, a questão com que lidamos aqui não se refere simplesmente à posição de Lutero em relação aos judeus, e, sim, de que maneira a Igreja Luterana se posiciona em relação a esses escritos de Lutero. Como veremos logo mais, tem havido uma crescente necessidade na sociedade atual de que grupos se posicionem acerca de erros de membros de seu endogrupo. Uma falta de posicionamento do grupo é muitas vezes entendida como aprovação e concordância acerca de uma posição expressa por este membro do endogrupo.

Após esta abordagem teórica, nosso objetivo será o de demonstrar como a Igreja Luterana e o reformador Martinho Lutero se encaixam nesse esquema teórico. No caso, o grupo aqui considerado é a Igreja Luterana, o membro deste endogrupo é o reformador Martinho Lutero e o seu erro é materializado em seus escritos polêmicos acerca dos judeus. A importância deste posicionamento serve como reafirmação da identidade da Igreja Luterana definida pela palavra de Deus e testemunhada pelas Confissões Luteranas.

Diante desta demanda, o presente artigo argumentará que a resposta da Igreja Luterana Confessional, em especial da IELB, se enquadra no que se pode definir como uma “dissociação qualificada”. Utilizando o referencial teórico da culpa coletiva de Branscombe e Doosje, demonstraremos como a IELB repudia os escritos antijudaicos de Lutero, não por minimização ou justificação, mas por meio de uma distinção fundamental entre a identidade da igreja – centrada em Cristo e na Escritura – e a figura falível do reformador. Essa postura permite uma avaliação histórica crítica sem a necessidade de abandonar por completo seu legado teológico.

REFERENCIAL TEÓRICO: A CULPA COLETIVA

O sentimento de culpa coletiva e a busca de alternativas para lidar com ela tem sido uma atitude comum na relação entre grupos na atualidade. Em 2022, por exemplo, o Papa Francisco pediu desculpas aos povos

indígenas do Canadá pelo tratamento que estes receberam com o apoio da Igreja Católica.³ Mais recentemente, em 2024, o governo brasileiro fez um pedido de desculpas aos negros pela escravidão.⁴

Elazar Barkan argumenta que esta é uma tendência em muitos contextos nacionais. Em seu livro, *A Culpa das Nações* (The Guilt of Nations), ele demonstra que muitas nações têm tido a necessidade de pedir desculpas ou até mesmo de fazer reparação por algum dano cometido no passado.

Este fenômeno que gera a necessidade de um pedido de desculpas é descrito por Nyla Branscombe e Bertjan Doosje como culpa coletiva. Segundo eles, a busca pela reparação de ações imorais do passado é uma das implicações do sentimento de culpa coletiva. No livro em que eles são editores, *Culpa Coletiva (Collective Guilt)*, eles definem culpa coletiva da seguinte maneira:

A culpa coletiva decorre da angústia que os membros do grupo vivenciam ao aceitar que seu grupo interno é responsável por ações imorais que prejudicaram outro grupo (Branscombe, Doosje e McGarty, 2002). É uma emoção autoconsciente (Tangney e Fischer, 1995) que pode ocorrer quando a identidade coletiva do indivíduo ou sua associação com um grupo cujas ações são percebidas como imorais é saliente (Branscombe, 2004, p. 3 – tradução nossa).

É importante dizer que Branscombe e Doosje não estão dizendo que a culpa coletiva e culpa civil no sentido legal sejam a mesma coisa. Ainda assim, ignorar os fatores que levam à culpa coletiva não parece ser o melhor caminho para se encontrar uma resposta. Perceba que a ausência de um pedido de desculpas também tem um impacto na forma como as pessoas percebem o relacionamento entre dois grupos. Veja, por exemplo, o caso do Papa João Paulo II. Quando o papa trouxe um lamento

3 CHAMBRAUD, Cécile. Pope Francis asks “forgiveness” for Catholic involvement in “Devastating” Indigenous policy in Canada. *Le Monde*, 31/08/2022. Disponível em: https://www.lemonde.fr/en/international/article/2022/07/26/pope-francis-asks-forgiveness-for-catholic-involvement-in-devastating-indigenous-policy-in-canada_5991458_4.html. ACESSO EM?

4 B.N. “Brasil pede, publicamente, desculpas pela escravidão das pessoas negras.” *GOV.BR*, 21/11/2024, Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/novembro/brasil-pede-publicamente-desculpas-pela-escravidao-das-pessoas-negras>. Acesso em: 8 set.2025.

pelo ódio que ele diz a igreja ter expressado historicamente contra os judeus, ele não chegou a incluir um pedido de desculpas. Esta ausência foi notada e noticiada pela BBC Brasil: “Entretanto o papa não chegou a pedir desculpas pelo comportamento da Igreja durante o Holocausto judeu promovido pela Alemanha nazista nas décadas de 30 e de 40”⁵.

A partir disso, percebemos que há uma forte tendência hoje de se fazer uma correlação entre a percepção de um erro cometido por um indivíduo ou um grupo no passado com a culpa que se vê (ou que se espera ver) no grupo atual que abraça ou representa este indivíduo ou grupo do passado. Nesse sentido, não pedir desculpas por atos imorais do passado pode ser compreendido como não repreender estes atos imorais ou, pior, como se estes atos imorais fossem abraçados pelos representantes do grupo ainda hoje.

A questão acerca da culpa coletiva e como os seres humanos procuram evitá-la é, porém, ainda mais complexa. Procurando compreender melhor essa questão, veja como Nyla Branscombe e Bertjan Doosje descrevem a maneira como as pessoas agem procurando evitar a culpa coletiva. Eles dizem:

Como parte da identidade das pessoas se baseia em sua filiação a um grupo, o desejo de se sentir positivo em relação a ele frequentemente resultará em explicações que sirvam ao grupo para as ações do endogrupo. No entanto, quando essas justificativas falham ou se tornam impossíveis de sustentar, as pessoas podem sentir culpa coletiva a ponto de as ações passadas do endogrupo serem percebidas como uma violação dos padrões morais atuais do endogrupo. Quando as pessoas são confrontadas com o tratamento imoral de seu endogrupo a outro grupo, pode não ser viável para elas se distanciarem do grupo, seja evitando essa auto-categorização ou negando a responsabilidade coletiva. As pessoas podem, no entanto, tentar minimizar a gravidade do dano causado ou o grau em que as ações do endogrupo são percebidas como injustas; no entanto, se ambas as estratégias falharem, a porta está aberta para a experiência de culpa coletiva (Branscombe, p. 4, 2004 – tradução nossa).

⁵ “Papa lamenta séculos de ódio da Igreja contra judeus”, *BBC Brasil*, 23/03/2000. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/omundohoje/omh00032301.htm>. Acesso em: 10 set.2025.

Nyla Branscombe e Bertjan Doosje estão dizendo, portanto, que quando as pessoas são confrontadas com ações passadas do seu grupo interno (endogrupo), elas procurarão encontrar explicações que sirvam para o próprio grupo. Essas explicações podem se caracterizar por justificação, dissociação ou minimização. A justificação ocorre quando as justificativas de um indivíduo ou de um grupo servem para o grupo em questão como dito no início da citação. Quando essas justificativas falham, porém, dissociação e minimização são as duas possíveis respostas na procura de se evitar a culpa coletiva, como mencionado acima.

CONTEXTO HISTÓRICO DO ANTIJUDAÍSMO CRISTÃO E DE LUTERO

Um dos importantes temas tratados no contexto de culpa coletiva hoje é a maneira como cristãos trataram os judeus ao longo da história. Mais especificamente, com o advento do antisemitismo no contexto da Segunda Guerra Mundial, essa questão tornou-se particularmente importante no meio de grupos luteranos. Como é de se esperar, aquilo que Lutero escreveu acerca dos judeus não surgiu em um vácuo. Ele não foi nem o primeiro e nem o último a escrever contra os judeus.

O tratamento histórico do cristianismo em relação aos judeus teve, por muitas vezes, um tom polêmico. Não é difícil encontrar autores na igreja antiga que entendiam serem os judeus os responsáveis pela crucificação de Jesus Cristo ou atribuíam a eles a culpa da queda de Jerusalém e, posteriormente, o avanço do islamismo sobre territórios cristãos.⁶ Isso nos ajuda a entender em parte o distanciamento histórico entre judeus e cristãos.

Ao mesmo tempo, porém, esse distanciamento não significa que os cristãos não tivessem nenhum apreço pelos judeus ou pela herança por eles deixada. Considere, por exemplo Justino de Roma, em seu Diálogo com Trifão, e em Jerônimo, um dos poucos pais da igreja antiga que sabiam hebraico. Essas exceções demonstram um caráter por vezes ambíguo na maneira de lidar com os judeus. Afinal de contas, os judeus tinham algo

6 cf. “Antisemitism in History: From the Early Church to 1400”, *Holocaust Encyclopedia*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/antisemitism-in-history-from-the-early-church-to-1400?series=30>. Acesso em: 23 set.2025.

em comum com os cristãos, a saber, o texto sagrado do Antigo Testamento (ou Tanakh para os judeus). Ao mesmo tempo, os judeus rejeitaram veementemente aquele que é o Messias, segundo a interpretação dos cristãos. Por essa razão, a abordagem cristã em relação aos judeus foi sempre a de procurar demonstrar que Jesus era o Messias anunciado no Antigo Testamento, aquele que os judeus rejeitaram.⁷

No que compete às questões práticas do convívio entre judeus e cristãos na Europa, estas interpretações acerca dos judeus tornou a relação entre ambos os grupos muitas vezes conflituosa, ainda que nem sempre. Segundo Marc Lienhard, os judeus viviam em uma situação relativamente boa na Europa medieval até o século 11. Nos séculos posteriores, porém, a situação piorou gradativamente. Na Inglaterra, os judeus foram expulsos de lá em 1290. Em 1394, foi a vez da França agir do mesmo modo. Na Espanha, dois episódios marcantes, um em 1492 e outro em 1496, fizeram com que os judeus tivessem que deixar seus lares e procurarem encontrar uma forma de viver (Lienhard, 1998, 226).

Quando falamos do território de residência de Lutero, a saber, o Sacro Império Romano Germânico, a situação não era muito diferente. Judeus foram expulsos de cidades do Império nos anos de 1499, 1519 e 1524. Segundo Lienhard, “Na época de Lutero, Worms, Frankfurt e Praga eram as únicas grandes cidades do Império onde os judeus ainda eram tolerados” (Lienhard, 1998, p. 226). Não poucas vezes, a questão religiosa era confundida com a questão civil. Na grande maioria das vezes, os judeus eram tolerados porque se acreditava que eles poderiam ser convertidos em algum momento. Enquanto esta esperança perdurasse, a tolerância era mantida.

Agregado a isso, é importante também dizer que os judeus não eram membros inativos da sociedade da época. Na verdade, os judeus também vivenciavam um despertar sobre o valor de suas raízes no século 16. Lienhard também afirma: “Assim, no início do século 16, não se tinha somente a renovação encarnada por Lutero, mas também uma espécie de despertar judeu” (Lienhard, 1998, p. 227). Esse despertar estava conectado ao retorno às fontes (*ad fontes*) do humanismo. Havia uma

⁷ cf. Jean Daniélou. Também Jaroslav Pelikan, Frend.

esperança renovada pela vinda do Messias, e havia judeus trabalhando para que importantes líderes cristãos fossem convertidos ao judaísmo, tais como o rei da França e o próprio imperador Carlos V.

LUTERO E OS JUDEUS

Quando Lutero se manifesta pela primeira vez nessa questão, ele o faz em 1518 (WA Br 1, p. 268). Nesta ocasião, ele elogia o humanista João Reuchlin por sua postura em relação ao texto hebraico. Depois disso, Lutero menciona os judeus em suas aulas, cartas, pregações e até mesmo em suas conversas à mesa.

Porém, os dois escritos mais importantes de Lutero sobre o assunto são “Jesus Cristo é judeu de nascimento” (*Dass Jesus Christus ein geborener Jude sei*) de 1523 e “Sobre os judeus e suas mentiras” (*Von den Juden und ihren Lügen*), de 1543. Ambos os textos de Lutero estão disponíveis em português nas *Obras Selecionadas* de Lutero, v. 14, p. 549-782, publicado em 2023 (OS 14). Além destes textos, iremos também considerar um hino de Páscoa da pena de Lutero e uma menção aos judeus em seu último sermão (disponível na edição de Weimar das obras de Lutero, v. 51, p. 195). Também serão levados em consideração os seguintes escritos: “Contra os Sabatianos” (*Wider die Sabbather na einen guten Freund*), 1538 (WA 50, p. 312-337; trad. em inglês: LW 47, p. 65-98). “Acerca de Shem Hamphoras e a descendência de Cristo” (*Vom Schem Hamphoras und vom Geschlecht Christi*), 1543 (WA 53, p. 579-648). “Tratado Acerca das Últimas Palavras de Davi” (*Von den letzten Worten Davids*), 1543 (WA 54, p. 28-100; trad. em inglês: LW 15, p. 267-352) e “Advertência contra os judeus” (*Vermahnung wider die Juden*), 1546 (WA 51, p. 195-196).

Em 1523, o reformador nutria uma esperança genuína de que os judeus se converteriam à sua visão reformada do cristianismo, como expressou na obra “Jesus Cristo é judeu de nascimento”. O reformador acreditava que, uma vez purificada dos abusos papais, a mensagem do evangelho seria aceita por eles. É importante destacar que, nesse escrito, Lutero propõe uma abordagem completamente nova em relação aos judeus. Ele critica a maneira rude como eles eram tratados até então e afirma que não foram os judeus os responsáveis pela morte de Jesus, e sim, os próprios cristãos, algo que ele também afirma neste hino de Páscoa:

Nosso grande pecado
e pesada iniqüidade
pregaram à cruz Jesus,
o verdadeiro filho de Deus.
Por isso, não devemos como
inimigos recriminar a ti, pobre Judas,
nem a 'multidão de judeus;
a culpa é inteiramente nossa.

Unsere grosse Sünde
und schwere Missetat
Jesum, den wahren Gottessohn
ans Kreuz geschlagen hat,
Drum wir dich, armer Judas,
dazu der Juden Schar
nicht feindlich dürfen schelten
die Schuld ist unser gar.

Hino de Páscoa de Lutero (tradução de Walter Altmann)

Em seu escrito de 1523, Lutero claramente se identifica como gentio. A partir desta consideração, ele se remete à maneira como os discípulos de Jesus, que eram judeus, trataram os gentios, isto é, praticando o amor ao próximo e exercendo misericórdia. Lutero rejeita as “histórias mentirosas” que contavam a seu respeito, como a noção popular de que os judeus eram profanadores de hóstia e que praticavam mortes rituais. Finalmente, ele é claro na defesa de direitos civis aos judeus. Assim ele diz:

Caso se queira ajudá-los, será preciso exercitar neles não a lei do papa, mas a lei do amor cristão e acolhê-los amistosamente, permitir que exerçam seu ofício e trabalhem, para que tenham motivo e espaço para estar conosco e em torno de nós, para ouvir nosso ensino e ver nossa vida cristã. Qual é o problema se alguns são obstinados? Nós também não somos todos bons cristãos. Por ora vou deixar o assunto descansar até ver o que consegui. Deus conceda a todos nós a sua graça (Lutero, 2023, p. 599).

No entanto, a expectativa foi frustrada e ele não conseguiu aquilo que vislumbrara em 1523. Segundo Lienhard, a hostilidade virulenta de seus escritos de 1543 nasce dessa profunda decepção teológica. Lienhard explica que a ira de Lutero era motivada pela recusa judaica em reconhecer Jesus como Messias, o que, para o reformador, era uma afronta direta à autoridade da Escritura Sagrada. É o que se define como um “antijudaísmo” de fundo religioso, distinto do antisemitismo de base racial que surgiria séculos depois.

Mas, antes de 1543, Lutero ainda nutria certa esperança em relação aos judeus. Sua abordagem, porém, reflete a frustração de que os judeus

teriam abusado de suas palavras de clemência e tolerância. Em “Contra os Sabatianos”, 1538, uma espécie de carta aberta aos cristãos, Lutero diz ter recebido um relato de que cristãos na Morávia haviam se convertido ao judaísmo. Por essa razão, sua argumentação vai no sentido de afirmar que os judeus estavam em exílio já há 1.500 anos por sua recusa em receber Jesus como seu Messias.

Quando chegamos em 1543, Lutero não tem mais palavras de esperança em relação aos judeus. Em “Sobre os Judeus e suas Mentiras”, Lutero define claramente o que seriam as “mentiras” dos judeus, a saber, as doutrinas dos judeus e aquilo que eles diziam sobre Jesus, Maria e os cristãos. Após esta fundamentação teórica, Lutero parte para a parte mais polêmica do escrito, isto é, para os conselhos sobre como tratar os judeus. Nestes conselhos incluem-se a incineração de sinagogas e a destruição de suas casas, o confisco de escritos judaicos, a proibição de ensino para os rabinos, a suspensão de salvo-conduto, a proibição de que eles cobrem juros e o confisco de seu patrimônio, a obrigação da prática de trabalho manual e, em último caso, a expulsão do território.

Ainda em 1543, Lutero escreve em “Acerca de Shem Hamphoras e da Linhagem de Cristo”. Neste escrito Lutero tem novamente uma abordagem diferente daquela vista em 1523 e, ao invés de respeito e tolerância, ele faz uso de uma abordagem grosseira em relação aos judeus. Lutero começa respondendo a um escrito anticristão disseminado por Porcheto Salvago. No entanto, ele argumenta novamente procurando invalidar as interpretações judaicas comparando-os, por exemplo, com a “porca judaica” da igreja de Wittenberg. Vale dizer que esta escultura foi esculpida na igreja de Wittenberg no século 13, e Lutero faz referência a algo já existente em sua época.

Os dois últimos escritos, a saber, o “Tratado Acerca das Últimas Palavras de Davi”, de 1543, e a “Advertência contra os judeus”, de 1546, voltam novamente ao tom exegético e pastoral em relação aos cristãos. No primeiro, Lutero lida com a interpretação de 2Samuel 23.1-7 procurando defender a doutrina das duas naturezas de Cristo e da Trindade. No segundo, Lutero admoesta os cristãos a que não se deixem levar pelas palavras dos judeus.

Percebemos, a partir dos textos de Lutero sobre os judeus não apenas uma mudança de abordagem, e, sim, uma mudança que traria

consequências para aqueles que receberiam o legado de Lutero. A profunda decepção teológica do reformador não apenas alterou o tom de seus escritos, mas também criou um legado problemático que, séculos mais tarde, confrontaria a igreja com a necessidade de gerenciar uma potencial “culpa coletiva”, forçando-a a desenvolver estratégias para se posicionar diante de escritos reprováveis (imorais) de um de seus membros mais proeminentes.

ANÁLISE DOS ESCRITOS DE LUTERO E O DEBATE ACADÊMICO

Se olharmos para os textos de Lutero sobre os judeus como um todo, teremos alguma dificuldade de compreender a diferença radical de tratamento por ele dispensado. Salta aos olhos a diferença de abordagem em relação aos judeus, de modo que os seus escritos podem ser classificados sob dois temas, a saber, *Judenfreundlichkeit* (Judeofilia) e *Judenfeindlichkeit* (Judeofobia).

Quando tratamos do assunto, é de vital importância que tenhamos condições de analisá-lo criticamente. O Dr. Claus Schwambach, em sua introdução ao texto de Lutero sobre os judeus de 1543, traz uma bela reflexão sobre o assunto. No ponto 5 de sua introdução às *Obras Selecionadas* de Lutero, v. 14 (OS 14), sob o título, “Observações sobre a recepção desse escrito na história e na atualidade”, o autor nos lembra de que, para interpretarmos Lutero neste ponto, é preciso “considerar hermeneuticamente tanto o contexto histórico da época quanto um panorama de tudo aquilo que Lutero escreveu sobre o tema ‘judeus’, bem como zelar para não se incorrer em juízos anacrônicos demasiado apressados e superficiais, que ou o isentem ou o condenem de forma unilateral a partir de pressupostos modernos ou contemporâneos” (Schwambach, 2023, p. 624).

Que os escritos de Lutero sobre os judeus foram bem recebidos é testificado pelos próprios judeus, tanto contemporâneos a Lutero quanto de tempos posteriores. Heinrich Graetz, por exemplo, um judeu e exegeta alemão do século 19, diretor da Escola Ortodoxa Judaica de Breslau, escreveu de modo bastante elogioso em relação a Lutero. Ele escreveu o livro *Influência do Judaísmo sobre a Reforma Protestante*, no qual

reflete acerca da pessoa e da obra de Lutero. Para ele, “Lutero foi de modo inquestionável o homem mais piedoso e fiel de sua era dentro do âmbito do cristianismo” (Graetz, 1867, p. 41). Graetz compara Lutero muitas vezes ao próprio apóstolo Paulo, tanto na defesa da doutrina da justificação somente pela fé quanto pela forma de lidar com as lideranças religiosas de sua época.

Uma pergunta fundamental, porém, trata de entender o que fez com que Lutero mudasse tão radicalmente a sua posição em relação aos judeus.⁸ Algumas respostas a essa questão incluem o fato de que ele teria se frustrado com a não conversão dos judeus (Lewin, 1911; Edwards, 1984), que ele passara a ver os judeus como uma ameaça quando ele ouvira dizer de judeus trabalhando na conversão de cristãos ao judaísmo (Lienhard, 1998) ou que ele fora mal informado acerca dos judeus (Kaufmann, 2017).

É bem documentado que Lutero enfrentou, em seus últimos anos, graves problemas de saúde, incluindo cálculos renais, vertigens e um estado de exaustão e irritabilidade crônicos. Marc Lienhard e outros historiadores concordam que essa condição física e psicológica debilitada certamente influenciou o tom agressivo e a virulência de seus escritos tardios. No entanto, Lienhard adverte contra usar a enfermidade como a única causa ou desculpa para o conteúdo dos textos polêmicos tardios de Lutero. A base para sua argumentação antijudaica já era teológica e preexistia à sua crise de saúde. A doença pode ter exacerbado sua retórica e eliminado qualquer filtro de moderação, mas não criou a convicção teológica em si. Mark Edwards contempla os diversos fatores afirmando que:

Admito livremente que a saúde, a visão de mundo, as expectativas apocalípticas e os temores de Lutero em relação ao movimento da Reforma após sua própria morte são todos significativos para a compreensão de suas polêmicas tardias. Mas eu acrescentaria que as circunstâncias externas e os desafios que ele e seu movimento enfrentaram nesses últimos anos podem ser ainda mais significativos para a compreensão das polêmicas de Lutero (Edwards, 1984, p. 133).

⁸ Para uma revisão completa da literatura sobre o assunto, veja PANGRITZ, Andreas. *Theologie und Antisemitismus: Das Beispiel Martin Luthers*. Frankfurt am Main: Lang, 2017, p. 49-195.

Mais recentemente, Thomas Kaufmann propôs uma visão sobre a questão a partir de uma historicização:

A forma de antisemitismo que visava eliminar os judeus, matá-los sistematicamente, era completamente estranha ao Lutero histórico. Ignora-se também o fato de que Lutero dirigiu severas críticas às falhas da Igreja Protestante e temia a ira devastadora de Deus se o próprio pecado deles fosse agravado pelo “pecado alheio” dos judeus. Além disso, é uma simplificação inadmissível da complexa genealogia do antisemitismo moderno, inspirado na biologia, reivindicar Lutero como uma de suas fontes, quanto mais uma das principais... O objetivo de Lutero não era estabelecer um Estado “racialmente puro”, mas uma sociedade religiosamente homogênea de cristãos que não tolerasse qualquer dissidência religiosa (Kaufmann, 2017, p.9).

Com essas observações, Kaufmann não está procurando isentar Lutero de responsabilidade pelo que ele disse. Ainda assim, ao descrevê-lo diante de seu contexto histórico, ele é capaz de classificar corretamente qual é o mal que Lutero cometeu contra os judeus. Kaufmann ainda complementa dizendo que “A historicização torna possível resistir à tendência de interpretar ideias modernas em figuras e sujeitos históricos” (Kaufmann, 2017, p. 158).

Em sentido oposto, Isaac Kalimi propôs que a visão de história que contemple a vida de Lutero como um todo revela que, na verdade, Lutero nunca se importou de fato com os judeus. Em suas próprias palavras:

Como reformador, Lutero desejava reformar – ou resolver – o que mais tarde, nos tempos modernos, seria chamado de Questão Judaica (*Judenfrage*), de uma forma ou de outra. Sua judeofilia temporária era o elo de uma corrente em sua reforma geral e era apenas um lado da moeda, e não decorria de seus valores humanísticos, morais e éticos, mas sim de sua pretendida agenda religiosa, política e social (e talvez também econômica). Ele desejava tirar proveito da situação miserável em que os judeus se encontravam e convertê-los ao cristianismo, apagando assim a Questão Judaica e o Judaísmo de uma vez por todas (Kalimi, p. 432, 2023 – tradução nossa).

No contexto brasileiro, três historiadores são particularmente importantes no tratamento da questão, a saber, Marc Lienhard, Walter Altmann e Roland Bainton. A importância dos mesmos deve-se ao fato de que eles falam português e são, portanto, frequentemente referenciados quando o assunto é tratado em contextos de língua portuguesa. Mais recentemente, o Dr. Claus Schwambach também ofereceu importantíssimas contribuições sobre o assunto em suas introduções ao tema Lutero e os judeus no volume 14 das *Obras Selecionadas* de Martinho Lutero.

O texto de Marc Lienhard está disponível em seu livro *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*, p. 226-238. Na p. 238, o próprio Lienhard fornece outras obras de referência para o aprofundamento da questão. Sua contribuição deve-se ao fato de que ele aborda a questão de forma simples e sucinta procurando contextualizá-la dentro da própria época de Lutero.

Walter Altmann é um dos primeiros teólogos no Brasil a tratar a questão de Lutero e os judeus. Ainda que o autor mesmo diga que o que ele escreve não se trata a rigor de um artigo, ele situa bem a problemática da questão, tanto em relação aos textos quanto sobre a posição do historiador enquanto interpreta os textos. O título do texto de Altmann é: “Lutero – Defensor dos Judeus ou Anti-Semita? Exercícios a partir de Textos de Lutero”, disponível na base de periódicos das Faculdades EST.⁹

Em 2017, o texto de Roland Bainton é publicado no Brasil pela Editora Vida Nova sob o título *Cativo à Palavra*. Bainton é reconhecido como um dos mais importantes biógrafos de Martinho Lutero. Sua abordagem é interessante porque lida com os temas difíceis da vida de Lutero. Enquanto muitos biógrafos encerram o seu relato sobre Lutero em 1525 ou 1530, ele segue corajosamente o seu relato até 1546, período que abrange sua polêmica com os judeus.

UMA RESPOSTA POSSÍVEL

O objetivo deste artigo não é propor uma justificativa para as ações de Lutero contra os judeus. Tampouco pretendemos minimizar as falas e escritos de Lutero contra o povo judeu. Da mesma forma, não pretendemos

⁹ Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/931/903.

deixar o nome de Lutero esquecido dissociando-nos de sua contribuição para a igreja cristã e muito menos deixar de considerar como membro da igreja de Cristo e, portanto, um irmão na fé. Ao mesmo tempo, precisamos clarificar em que sentido a Igreja Luterana está associada ao reformador Martinho Lutero.

Em primeiro lugar, a IELB se entende como parte da igreja de Cristo e tem em Cristo somente aquele que é o seu Salvador. Em outras palavras, a identidade da igreja está atrelada a Cristo, e não a qualquer outro membro desta igreja. Assim sendo, Martinho Lutero não compõe a identidade da igreja, se tomada como base a compreensão luterana confessional. Ainda assim, nós afirmamos junto com Lutero que a igreja de Cristo é composta por aqueles que ouvem a voz de Deus, como ele diz: “Pois, graças a Deus, uma criança de sete anos sabe o que é a igreja, a saber, os santos crentes e ‘os cordeiros que ouvem a voz de seu bom pastor’” (Lutero, Artigos de Esmalcalde, Terceira Parte, XII, *Da Igreja*).

Olhar os membros da igreja à luz deste princípio Cristológico permite-nos reconhecer os diversos erros e contribuições de indivíduos ao longo da história sem jamais definir a igreja cristã a partir desses indivíduos. Dessa maneira, concordamos que seria desejável que Lutero pudesse expressar seus pedidos de desculpas aos judeus. No entanto, isso é humanamente impossível de fazer. Ao mesmo tempo, não faz sentido requerer da Igreja Luterana um pedido de desculpas, pois ela nunca subscreveu a tudo o que Lutero escreveu. É possível indicar indivíduos ou mesmo líderes políticos de cidades europeias que seguiram alguns dos conselhos de Lutero acerca de como tratar os judeus. Ainda assim, estes grupos não representam o que chamamos de Igreja Luterana confessional.

Falando especificamente da Igreja da qual o Seminário Concórdia e o Curso de Teologia da Faculdade Luterana Concórdia fazem parte, a saber, da IELB, os documentos tidos como oficiais são aqueles reunidos no *Livro de Concórdia* de 1580. Nesses documentos, não há nenhuma declaração sobre os judeus como povo e, portanto, não podem ser classificados como antisemitas. Em outras palavras, podemos afirmar que a identidade da Igreja Luterana está dissociada da pessoa de Martinho Lutero.

Desta forma, a proposta do presente artigo não é a de apresentar uma justificativa em defesa daquilo que Lutero disse sobre os judeus.

Ademais, não pretendemos minimizar a gravidade de suas palavras, as quais, usadas dentro e fora de contexto levaram a práticas ofensivas e danosas contra judeus. Assim, propomos neste artigo uma dissociação qualificada em relação aos escritos de Lutero. Em outras palavras, afirmamos que a IELB está associada a alguns escritos de Lutero, porém não a todos eles. Os escritos de Lutero acerca dos judeus, por exemplo, não constituem parte identitária da Igreja Luterana confessional como afirmado acima.

Ainda assim, fica a questão levantada acerca da pessoa e do legado do reformador Martinho Lutero. Se ele era antissemita, como alguns sugerem, não deveria ele ser deixado para ser esquecido sob a poeira da história? Será que ainda deveríamos considerar os seus escritos como de alguma relevância se ele escreveu coisas tão duras sobre os judeus? Ou ainda, será que não deveríamos condená-lo por essas suas palavras ao invés de considerá-lo em tão alta conta?

Propomos, portanto, o conceito de dissociação qualificada. Entendemos por isso o processo pelo qual uma instituição (a IELB) se distancia criticamente das declarações e ações moralmente reprováveis de uma figura histórica central (Lutero), sem, contudo, negar a totalidade de seu legado teológico. É “qualificada” porque não é uma dissociação total, mas, sim, uma distinção criteriosa: a identidade da Igreja está ancorada na Escritura e em Cristo, e não na figura falível do reformador. Essa postura repudia o erro sem anular a contribuição válida.

O POSICIONAMENTO DA IGREJA LUTERANA

Para tratarmos da questão do posicionamento histórico e teológico da Igreja Luterana iremos considerar, a rigor, a Igreja Luterana confessional, a saber, aquela que subscreve aos escritos confessionais reunidos no *Livro de Concórdia* de 1580. Ao mesmo tempo, iremos levar em consideração grupos que se identificam com Lutero de algumas formas. Por exemplo, as pessoas que solicitaram resposta quanto à atitude de Lutero em relação aos judeus não são de grupos luteranos. Ainda assim, há uma compreensão acerca da importância de Lutero, de modo que a posição do reformador quanto aos judeus é comumente vista como embaracosa.

Há, portanto, uma conexão da identidade protestante como um todo em relação a Lutero, o qual é visto por muitos como uma importante referência para a reforma da igreja cristã. A questão torna-se embaracosa, porém, porque as ações de Martinho Lutero em relação aos judeus são percebidas como imorais. Como é possível, então, lidar com o assunto evitando a culpa coletiva?

Fazendo uso das categorias apresentadas acima por Nyla Branscombe e Bertjan Doosje, podemos dizer que há três formas de as pessoas reagirem em relação a Lutero enquanto consideram o seu tratamento em relação aos judeus, a saber justificação, dissociação e minimização.

Na forma de justificação, as pessoas procuram justificar a posição de Lutero em relação aos judeus porque essa justificativa serve ao endogrupo. Nesse caso, as ações de Lutero não seriam vistas como imorais, mas entendidas a partir de uma ótica que defende uma moralidade específica. Esta seria a posição, por exemplo, daqueles que apoiaram Lutero em sua posição em relação aos judeus. Eugen Fischer e Gerhard Kittel são importantes nomes neste grupo durante o regime nazista (Fischer e Kittel, 1943).

Quando as explicações para o que Lutero disse em relação aos judeus não mais se sustenta, este é o momento em que duas posições morais entram em choque, a saber, aquela manifestada por Lutero e aquela do grupo atual. Pode ser que, nesse momento, algumas pessoas procurem dissociar-se do nome de Lutero. Essa atitude pode ser percebida, por exemplo, em Christopher Probst (Probst, 2012).

No entanto, aqueles que querem continuar vinculados ao nome de Lutero e evitar a culpa coletiva, segundo Nyla Branscombe e Bertjan Doosje, podem procurar minimizar o problema. Assim, é possível seguir duas estratégias. A primeira seria procurar minimizar a gravidade do dano causado e, a segunda, seria procurar minimizar o grau em que as ações do endogrupo são percebidas como injustas.

Essas classificações são importantes para compreender a posição da Igreja Luterana confessional. A IELB, como representante deste grupo no Brasil, entende-se dissociada de Martinho Lutero no que tange à sua identidade. Ainda que carregue o nome “Luterana”, a IELB não subscreve a tudo o que ele escreveu. Ao mesmo tempo, ela comprehende que Lutero tem grande importância naquilo que fez enquanto reformador da igreja.

Isso nos permite olhar para qualquer personagem da história de forma crítica, compreendendo que Jesus é o Senhor da Igreja.

Assim sendo, precisamos dizer que a distinção trazida anteriormente entre “antijudaísmo” de fundo religioso e antisemitismo é feita não para justificar ou diminuir o peso das falas de Lutero. Em outras palavras, essa distinção não serve como justificativa para o que Lutero falou. O próprio Lienhard afirma que, apesar da motivação teológica, a linguagem e as “soluções” propostas por Lutero em seus escritos são de uma violência inaceitável e tiveram consequências históricas trágicas, sendo posteriormente instrumentalizadas por ideologias de ódio. Ainda assim, a distinção é mantida pelo bem de uma boa hermenêutica histórica. Afinal de contas, Richard Wagner não sabia que suas notas dariam o tom dos discursos de Hitler. Tampouco Heidegger imaginou que sua teoria ajudaria a fundamentar a filosofia nazista. Assim também Lutero não imaginava que seus escritos seriam resgatados para justificar tamanhas atrocidades como o genocídio ao povo judeu.

A evidência mais óbvia de que a teologia luterana não é essencialmente antisemita é o fato de que teólogos luteranos posicionaram-se contra o regime de Hitler e contra o genocídio aos judeus. O exemplo mais evidente é o do pastor Dietrich Bonhoeffer. Mas ele não foi o único. Hermann Sasse e Martin Niemöller também são exemplos de teólogos e pastores luteranos que não podiam se calar diante das atrocidades percebidas ao seu redor. Dois documentos materializam o seu trabalho contra o nazismo como um todo, a saber, a “Confissão de Bethel” (1933) e a “Declaração de Barmen” (1934).¹⁰

Quando falamos sobre o posicionamento histórico e teológico da Igreja Luterana sobre o escrito de 1543, de Lutero, vemos que, tanto no Brasil quanto no mundo, há um inequívoco repúdio a esses escritos. A Federação Luterana Mundial, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e outras igrejas têm, em diversas ocasiões, emitido declarações formais e pedidos de desculpas à comunidade judaica. A

10 Wolfgang Gerlach, em seu livro *And the Witnesses Were Silent: The Confessing Church and the Persecution of the Jews* (2000), levanta a questão de que pouquíssimos membros da Igreja Confessante estavam realmente interessados nos judeus. Em sua maioria, eles estavam interessados em defender os judeus convertidos ao cristianismo. NÃO ENCONTREI A REFERÊNCIA DESSA OBRA NA LISTA DE REFERÊNCIAS

posição da IECLB pode ser acessada no artigo de Walter Altmann.¹¹ A IELB não está ligada a nenhuma dessas instituições citadas anteriormente. Por essa razão, é importante também citar a Lutheran Church Missouri Synod, igreja que iniciou o trabalho no Brasil, a partir do qual surgiu a IELB. A LCMS pronunciou-se oficialmente rejeitando a abordagem de Lutero sobre os judeus no que compete a como tratá-los civilmente. O que é mantido é a radicalidade de Lutero quanto à mensagem do evangelho. É importante dizer que, para Lutero, não há nada mais importante do que a palavra de Deus. Ele não pensa duas vezes em chamar a si mesmo de “saco de vermes” para colocar o evangelho em evidência.¹²

Em relação à posição de inimizade de Lutero em relação aos judeus, vemos que, tanto no Brasil quanto no mundo, há um inequívoco repúdio a esses escritos. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) manifestou-se sobre o assunto já em 1993. Essa manifestação deu-se por meio da análise de textos de Lutero sobre o assunto (Altmann, 1993, p. 74-82).

A Federação Luterana Mundial pronunciou-se oficialmente com um documento de estudos sobre o assunto e pedindo desculpas aos judeus (DEPARTMENT FOR THEOLOGY, MISSION AND JUSTICE, 2023).

A IELB não está ligada a nenhuma destas instituições citadas anteriormente. Por esta razão, é importante também citar o posicionamento da Lutheran Church Missouri Synod, sua igreja irmã. A LCMS pronunciou-se oficialmente rejeitando a abordagem de Lutero sobre os judeus no que compete a como tratá-los civilmente. O que é mantido é a radicalidade de Lutero quanto à mensagem do evangelho. É importante dizer que, para Lutero, não há nada mais importante do que a palavra de Deus. Ele não pensa duas vezes em chamar a si mesmo de “saco de vermes” para colocar o evangelho em evidência (LCMS, 2017).

De modo geral, essas declarações reconhecem que Lutero errou gravemente. A Igreja Luterana afirma que esses textos não refletem o cerne da fé cristã e não podem, em hipótese alguma, ser usados para justificar hostilidade contra o povo judeu.

11 cf. http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/931/903 e (cf. A Federação Luterana Mundial também tem algo a dizer neste sentido, <https://lutheranworld.org/resources/document-hope-future>.

12 cf. <https://resources.lcms.org/history/luther-and-the-jews/>.

CONSIDERAÇÕES

A Igreja Luterana no século 21 defende uma abordagem crítica da sua própria tradição, incluindo os escritos de Martinho Lutero, erroneamente considerado o seu fundador. O princípio do *Sola Scriptura*, tão caro a Lutero, é a ferramenta usada para este fim: a Bíblia, e não os textos de Lutero, é a norma suprema (*norma normans*) para a fé e a vida. As confissões luteranas reunidas no *Livro de Concórdia* de 1580, e não os textos de Lutero, são os símbolos de fé (*norma normata*) da Igreja Luterana.

Quando as declarações do reformador contradizem os ensinamentos da palavra de Deus, elas devem ser rejeitadas. Como salienta Lienhard, é preciso conhecer o “Lutero inteiro”, com suas grandezas e seus erros abismais. Esconder ou ignorar esses textos controversos seria um desrespeito à verdade histórica e ao testemunho cristão.

Em resumo, nós estamos acostumados a falar de Lutero como um homem à frente de seu tempo. Sua contribuição para a igreja cristã como um todo é ainda um fato inegável. No entanto, quando falamos da posição de Lutero em relação aos judeus, temos que dizer que ele foi um homem bem do seu tempo. Como disse Thomas Kaufmann, “A atitude de Lutero para com os judeus, embora o torne incompreensível, até mesmo insuportável, para as pessoas do nosso tempo, é muito própria da sua época” (Kaufmann, 2017, p. 153). Ainda que ele tenha proposto primeiramente uma abordagem distinta, ele logo acabou tomando a mesma abordagem comum de sua época. Por essa razão e pelas aqui demonstradas anteriormente, nós não subscrevemos Lutero naquilo que ele diz acerca dos judeus.

A partir deste estudo, entendemos que o modelo de “dissociação qualificada” possa contribuir para o diálogo entre cristãos e judeus. A partir deste modelo, os cristãos podem reconhecer aquilo que Lutero disse como sendo algo reprovável sem desconsiderar a importância histórica de Lutero. O mesmo pode ser dito acerca de outras figuras da história do cristianismo. A alternativa historiográfica proposta aqui permite analisar com seriedade histórica cada um desses indivíduos sem desconsiderar a sua contribuição às instituições a que pertencem.

À medida que este modelo aqui proposto seja aplicado em outras figuras históricas, podemos também testá-lo continuamente a fim de verificar melhor a sua validade e aplicação em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMANN, Walter. Lutero – Defensor dos Judeus ou Anti-Semita?: Exercícios a partir de Textos de Lutero. *Estudos Teológicos*, v.33, n.1, 1993, p.74-82. Disponível em http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/931/903.
- AUE-BEN-DAVID, Irene (ed.) et.al. *Jews and Protestants: From the Reformation to the Present*. Berlim, Boston: De Gruyter, 2020.
- BAINTON, Roland. *Cativo à Palavra*. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- BARKAN, Elazar. *The Guilt of Nations*. New York: Norton, 2000.
- BRANSCOMBE, Nyla R. e DOOSJE, Bertjan (eds.). *Collective Guilt: International Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- EDWARDS Jr, Mark U. Luther's Last Battles. *Concordia Theological Quarterly*, v. 48, n. 2-3, p. 125-140, 1984.
- FISCHER, Eugen e KITTEL, Gerhard. *Das Antike Weltjudentum: Tatsachen, Texte, Bilder*. Hamburgo: Hanseatische Verlagsanstalt, 1943.
- GRAETZ, Heinrich. *Influence of Judaism on the Protestant Reformation*. Cincinnati: Bloch & Co., 1867.
- KALIMI, Issac. The Position of Martin Luther toward Jews and Judaism: Historical, Social, and Theological Avenues. *The Journal of Religion*, v. 103, n. 4, p. 431-481, 2023.
- KAUFMANN, Thomas. *Luther's Jews: A Journey into Anti-Semitism*. Trad. Lesley Sharpe e Jeremy Noakes. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- LUTERO, Martinho. “Jesus Cristo é judeu de nascimento”. *Obras Selecionadas*, v. 14. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2023. p. 549-599.
- _____. “Sobre os judeus e suas mentiras”. *Obras Selecionadas*, v. 14. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2023. p. 601-782.
- _____. “O Du armer Judas, christlich verändert”. *Erlanger Ausgabe* 36, XXXVIII, 1854.
- _____. “An einen guten Freund”. *D.Martin Luthers Werke (WA)*, Schriften, v. 50. Band. Weimar: Hermann Bohlaus Nachfolger, 1914. p. 312-337.
- _____. “Doctor Martinus Luther” [Vom Schem Hamphoras und vom Geschlecht Christi]. *D.Martin Luthers Werke*, Schriften, v. 53. Band. Weimar: Hermann Bohlaus Nachfolger, 1920. p. 579-648.

_____. “Von den letzten worten Davids”, *D.Martin Luthers Werke*, Schriften, v. 54. Band. Weimar: Hermann Bohlaus Nachfolger, 1928. p. 100-199.

_____. “Eine Vermanung wider die Juden”. In: 8. Predigt über Matth. 11, 25ff. zu Eisleben gehalten. *D.Martin Luthers Werke*, Schriften, v. 51. Band. Weimar: Hermann Bohlaus Nachfolger, 1914. p. 195-196.

PROBST, Christopher J. “An incessant army of demons”: Wolf Meyer-Erlach, Luther, and “the Jews”. In: *Nazi Germany Holocaust and Genocide Studies*, v. 23, n. 3, p. 441-460, 2009.

_____. *Demonizing the Jews: Luther and the Protestant Church in Nazi Germany*. Bloomington: Indiana University Press em associação com a United States Holocaust Memorial Museum, 2012.